

**Universidades Lusíada**

Conceição, Antonio Manoel  
Teixeira, Kamila Cristina da Silva  
Maroneze, Luciane Francielli Zorzetti  
Anhucci, Valdir

**Desafios da inteligência artificial e a formação em  
Serviço Social**

<http://hdl.handle.net/11067/8334>  
<https://doi.org/10.34628/8S5W-3962>

**Metadados**

|                           |                                                           |
|---------------------------|-----------------------------------------------------------|
| <b>Data de Publicação</b> | 2025                                                      |
| <b>Editor</b>             | Universidade Lusíada Editora                              |
| <b>Palavras Chave</b>     | Inteligência artificial, Serviço social - Ensino e estudo |
| <b>Tipo</b>               | article                                                   |
| <b>Revisão de Pares</b>   | yes                                                       |
| <b>Coleções</b>           | [ULL-ISSSL] IS, n. 65 (2025)                              |

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:59:57Z com  
informação proveniente do Repositório

# DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

## CHALLENGES OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND TRAINING IN SOCIAL WORK

**Antonio Manoel Conceição**

*Docente Universidade Estadual do Paraná*

*ORCID: 0000-0003-2061-5101*

**Kamila Cristina da Silva Teixeira**

*Docente Universidade Estadual do Paraná*

*ORCID: 0000-0001-7511-545X*

**Luciane Francielli Zorzetti Maroneze**

*Docente Universidade Estadual do Paraná*

*ORCID: 0009-0005-2495-5826*

**Valdir Anhucci**

*Docente Universidade Estadual do Paraná*

*ORCID: 0009-0009-0771-0682*

*DOI: <https://doi.org/10.34628/8S5W-3962>*

*Data de submissão / Submission date: 29.05.2025*

*Data de aprovação / Acceptance date: 14.09.2025*



**Resumo:** Este artigo pretende analisar o impacto que a inteligência artificial provoca nas atividades humanas, em particular quanto a influência da mesma na área educacional, com enfoque na formação graduada em Serviço Social. A tecnologia que proporcionou a evolução dos instrumentos eletrônicos que dão suporte à inteligência artificial modifica-se com uma rapidez impressionante, encontrando-se em um estágio avançado de desenvolvimento, o que torna difícil para a sociedade acompanhar e compreender as atualizações inerentes a esse processo. Na educação superior, especialmente na formação em Serviço Social, tal fenômeno tem imposto vários desafios que influem no processo de ensino-aprendizagem. Entender como os/as estudantes de graduação tem se apropriado da inteligência artificial no processo formativo é uma questão eminente que precisa ser problematizada.

**Palavras-chave:** Inteligência artificial; Formação profissional; Serviço Social; Educação superior; Diretrizes Curriculares da ABEPSS.

**Abstract:** This article aims to analyze the impact that artificial intelligence has on human activities, particularly its influence in the educational field, focusing on undergraduate education in Social Work. The technology that has enabled the evolution of electronic tools supporting artificial intelligence is rapidly changing and is currently at an advanced stage of development, making it difficult for society to keep up with and understand the updates inherent to this process. In higher education, especially in Social Work training, this phenomenon has posed various challenges that affect the teaching-learning process. Understanding how undergraduate students are appropriating artificial intelligence in their educational journey is an urgent issue that needs to be addressed.

**Keywords:** Artificial intelligence; Professional training; Social work; Higher education; Diretrizes Curriculares da ABEPSS.



## Introdução

O desenvolvimento de novas tecnologias afeta diretamente as atividades laborais humanas. Desde o momento em que o modo de obter o sustento estava constituído por meio da caça e coleta, até o final da chamada era industrial, considerando-se a primeira e segunda revoluções industriais, o tempo para que todo o processo fosse concluído demandava um longo período, propiciando uma adaptação menos traumática para a humanidade. A partir da era da informação, representada pela terceira revolução industrial até a era cognitiva atual, ou seja, com a quarta revolução industrial, e já considerando uma possível quinta revolução, o tempo de mudança abreviou-se de tal maneira que se torna mais difícil para as pessoas modificarem suas ações a fim de que haja uma adaptação ao novo modo de executar suas tarefas. (Gabriel, 2024).

Considerando-se esse contexto, o impacto que a inteligência artificial (IA) está causando nas atividades humanas, e entre elas as relativas ao trabalho de maneira geral, e as ligadas à educação de forma particular é significativo, devendo tornar-se mais agudo à medida que avança o desenvolvimento de novos algoritmos com a pretensão de fazer com que as máquinas sejam capazes de realizar ações tendo como finalidade a substituição de seres humanos em tarefas repetitivas a princípio. Tendo em vista que a ciência da computação conta com uma diversidade de pesquisadores dedicados à exploração de novos recursos que melhorem o desempenho das máquinas, pode-se prever que não somente as atividades repetitivas serão por elas realizadas. Sobre essa possibilidade Alan Turing propôs o seu teste, ou seja, “seriam elas capazes de dar respostas tão convincentes, a ponto de um ser humano não perceber que se trata de uma IA?” (Gabriel, 2024, p. 21). Em 2014, Vladimir Veselov, Eugene Demchenko e Sergey Ulasen criaram um software que simula um ser humano nas

conversações, o batizaram de Eugene Goostman retratando-o como um menino de 13 anos. Ele conseguiu convencer 33% dos jurados de que era humano, fazendo com que uma máquina, pela primeira vez passasse no teste de Turing (Wolf, 2023).

Um avanço considerável foi o progresso obtido na execução da IA com o surgimento de interfaces que, baseadas na Inteligência Artificial Generativa (IAG), apresentam respostas a perguntas específicas com um linguajar próximo do humano. (Espírito Santo *et al.*, 2023). Deve-se levar em consideração, no entanto, que essas interfaces são alimentadas por milhares de informações disponíveis em rede, podendo conter um grau de incerteza não desprezível, tornando a informação obtida pouco confiável, logo “o mais prudente é que seus usuários não confiem plenamente nos seus resultados” (Kaufman, 2022, p. 42). Enfim a inteligência artificial como forma de acesso à informação não deve ser considerada como um “oráculo infalível” e sim como um instrumento de auxílio a ser utilizado de modo crítico, a fim de evitar possíveis vieses existentes. Tendo em vista estes apontamentos, o presente artigo busca analisar o impacto que a inteligência artificial provoca nas atividades humanas, em particular quanto a sua influência área educacional, com enfoque na formação graduada em Serviço Social. Baseia-se na pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo como metodologia ao lançar mão da produção científica referente ao tema.

### **Inteligência artificial, educação e formação em serviço social**

Com o desenvolvimento da inteligência artificial avançando de forma considerável, não é possível ignorar os efeitos que ela provocará no trabalho e na educação. Com relação a esse aspecto, Fava (2018, p. 121) afirma que:

As áreas de ciência da computação, como inteligência artificial cognitiva e aprendizagem de máquinas, irão alterar o futuro do trabalho, da educação e do processo de ensino e de aprendizagem. O incômodo, a vicissitude e o imbróglio é que muitos educadores não estão enxergando, ou

não querem enxergar, aceitar, adotar e se adaptar a essas mutações.

Nesse aspecto, é importante que o uso IA na educação seja feito de modo a promover um melhor desempenho no aprendizado. Para que isso se concretize, deve-se buscar adequar os instrumentos que ela disponibiliza às necessidades dos estudantes, como informa Pscheidt (2024, p. 19):

Softwares de conversão de texto para fala e de fala para texto facilitam a aprendizagem de estudantes com deficiência visual ou dislexia. Tecnologias assistivas, como teclados adaptados ou dispositivos de entrada alternativos, permitem que estudantes com deficiência física interajam com recursos digitais. Plataformas interativas de aprendizagem com níveis de dificuldade ajustáveis atendem estudantes com habilidades variadas, garantindo que cada um possa aprender no seu próprio ritmo.

Dentre as possibilidades abertas pela inteligência artificial, está o uso em horários alternativos o que pode vir a promover a assistência aos estudantes que têm algum grau de introspecção por timidez ou até autismo, facilitando o estudo e o esclarecimento de dúvidas, em ambientes que não sejam a sala de aulas presencial. Essa interação tem sido facilitada pelo avanço na tecnologia, assim como afirma Russel: os “progressos recentes em reconhecimento de fala significam que tutores automáticos podem, enfim, se comunicar com alunos ainda não totalmente alfabetizados” (Russel, 2021, p. 73). É importante ressaltar que, se bem utilizados os recursos disponibilizados pela inteligência artificial, pode haver uma sensível melhoria nas condições educacionais, principalmente em países mais pobres. Um exemplo é a criação de aplicativo de aprendizado de baixo custo baseado em IA, que analisa os padrões de aprendizagem de cada estudante e projeta conteúdos educacionais personalizados, possibilitando assim o acesso a uma experiência personalizada e interativa muitas vezes reservada para escolas de classes

mais abastadas. (Pscheidt, 2024).

Vale sublinhar que toda tecnologia pode ser usada de forma produtiva e coerente com os princípios civilizatórios ou, em contrário a isso, ser empregada de maneira a produzir lucros independentemente dos meios que se utiliza. Portanto, conforme Fava (2018, p.139):

A educação deverá priorizar competências e não conteúdos, desenvolvimento da criatividade, pensamento crítico, comunicação, colaboração, reconhecimento e exploração do potencial das novas tecnologias, habilidades de ajudar as pessoas a viver, trabalhar melhor e construir um mundo mais humano e sustentável.

Os aspectos negativos na utilização da inteligência artificial são respectivamente, o uso de dados dos usuários com a finalidade de obtenção de lucros; a propagação de notícias falsas a fim de manipular a opinião pública com ideias que beneficiem as classes dominantes em detrimento dos menos favorecidos; a proliferação de preconceitos raciais, de gênero de sexo etc.; o desenvolvimento de armas autônomas que podem vir a dizimar populações inteiras, enfim, toda e qualquer ação discriminatória e nociva possível. Levando-se em conta todos esses aspectos é importante considerar, segundo Alves (2023, p. 17) que:

Assim, muito ainda precisa ser estudado, analisado e discutido nos diferentes cenários a fim de subsidiar práticas nas quais as IAs sejam nossas assistentes em distintos percursos e não aparatos de dominação dos homens pelos homens em parceria com as máquinas.

Dito isto, ao observar a realidade brasileira, é possível afirmar que diversos desafios estão colocados para a utilização da IA no campo da educação e, mais precisamente no âmbito da formação profissional no país. Isso porque a educação no Brasil passa por um período de crise, crise esta que não garante um processo de for-

mação capaz de atender as necessidades das classes trabalhadoras e a emancipação humana, mas ao contrário, o processo educacional em curso atende às conveniências do sistema capitalista.

A Conferência Nacional Estudantil do Partido Operário Revolucionário (2011) buscou identificar as raízes da educação de classe e o caráter estrutural da crise pela qual ela está submetida. Nesse sentido, identificou que a educação brasileira é permeada por interesses de classe na medida em que

[...] a permanência do analfabetismo, a persistência do semi-analfabetismo, a exclusão de milhões de jovens do ensino médio e o brutal elitismo da universidade comprovam que a burguesia não resolveu a tarefa democrática de educação para as massas exploradas. Não resolveu e não resolverá, apesar do capitalismo no Brasil ter as condições materiais para a solução. O fracasso mais visível é o de não ter garantido a aprendizagem universal das crianças, apesar de ter universalizado o acesso ao ensino fundamental. A causa se encontra nas raízes da formação social do modo de produção capitalista da economia semicolonial. A brutal exploração e concentração de riquezas impossibilitam à burguesia instruir as massas de conjunto a elevar seu nível cultural. (CONFERÊNCIA NACIONAL ESTUDANTIL DO POR, 2011).

Como pode ser observado são grandes os desafios que estão postos para a educação básica. No entanto, essa situação não é uma particularidade desse nível educacional, pois o ensino superior também está submetido às determinações do capitalismo que tem comprometido a formação de grande parte dos brasileiros. Segundo Chauí (2003), em se tratando da educação no ensino superior, a universidade como instituição social e com autonomia só é possível em um Estado democrático e republicano. Porém, segundo a autora não é isso que tem ocorrido, na medida em que a universidade pública no Brasil passa por mudanças significativas, no sentido de atender aos interesses do mercado. Ao fazer referência a Freitag,

Chauí (2003) alega que a visão organizacional da universidade produziu a denominada “universidade operacional”.

Esse modelo de universidade pressupõe uma formação aligeirada comprometendo uma formação de caráter mais aprofundado e crítico. Segundo Chauí (2003), a docência passa a ser compreendida como uma transmissão rápida de conhecimentos, se utilizando manuais que propiciam uma fácil leitura aos estudantes. Esse modelo de educação tem sido implementado em especial nos países periféricos, na medida em que são adequados e funcionais ao estágio do capitalismo atual. Assim, o processo de formação vem sendo ressignificado, influenciado pelos organismos internacionais que buscam ditar a implementação de uma universidade pública funcional aos interesses de mercado. Com isso, a educação superior no Brasil tem sido submetida a um processo de rebaixamento da formação nas mais diversas áreas de conhecimento. Tal situação tem imposto um modelo de educação superior a um processo de “modernização” acrítico e desprovido de reflexão. No bojo dessas mudanças, outro aspecto importante a ser destacado é o Ensino à Distância que avança a passos largos no Brasil. De acordo com o Programa da Corrente Proletária Estudantil, p. 9 “Os defensores do ensino “*on-line* (distância) se valem da falência do ensino presencial para defender sua destruição, como se o problema estivesse em ser presencial”. Sendo assim,

O ensino a distância não faz senão levar às últimas consequências a desvinculação do conhecimento de sua base material e social., que já ocorre na forma presencial. Com as “novas tecnologias”, monopólio do grande capital, edificam-se fantasias reacionárias de uma forma superior de auto-aprendizagem (Programa da Corrente Proletária Estudantil, p. 9).

Como pode-se verificar, o Ensino à Distância, como elemento de mudança que avança no modelo educacional brasileiro, tem contribuído para comprometer ainda mais o processo de formação no âmbito do ensino superior. Trata-se de uma “tecnologia” apropria-

da pelo capitalismo no sentido de otimizar os lucros das grandes empresas multinacionais. Tais estratégias adotadas, travestidas de “modelos educacionais”, tem contribuído em grande medida para rebaixar ainda mais o processo de formação superior.

Considerando esse modelo de universidade, é preciso questionar se a incorporação da IA generativa não poderia estar relacionado a um possível processo de fragilização das atividades criativas e investigativas no campo da pesquisa e da produção de conhecimento. A lógica do produtivismo acadêmico, que impõem um ritmo contrário ao processo de criação, reflexão e de crítica, pode encontrar nessa ferramenta um campo rico e variado de possibilidades para incrementar as engrenagens de expansão do fluxo produtivo de publicações. Nessa direção, situamos a preocupação do uso da IA generativa no processo de formação acadêmica do Serviço Social. Trata-se de um debate que está suscitando inúmeras reflexões no conjunto da categoria profissional, especialmente pelas particularidades que determinam a especialização do trabalho do assistente social na divisão social e técnica do trabalho (Iamamoto, 2008).

Não é de hoje que as entidades representativas da categoria profissional: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social; Conselho Federal de Serviço Social/Conselho Regional de Serviço Social (CFESS/CRESS) e Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) trazem em suas pautas a preocupação com uma formação de qualidade, baseada na direção social crítica que constitui o projeto profissional, direção esta afinada com os princípios contidos no Código de Ética, com a defesa intransigente dos direitos sociais da classe trabalhadora. Considerando os avanços obtidos na trajetória sócio-histórica da profissão, afirma-se a relevância de uma formação ancorada na teoria social crítica de Marx, empenhada e compromissada com uma formação humanística, emancipatória, que habilite o profissional a fazer a crítica a racionalidade burguesa, a apreensão crítica das contradições existentes na realidade. Assim, trata-se de um projeto de formação e de profissão que não restringe a qualificação às exigências do mercado, uma vez que este demanda um perfil técnico adestrado que sabe

perfeitamente preencher formulários, fichas e lidar com as tarefas rotineiras, respondendo no nível do imediato, sem captar os interesses implícitos nos mesmos (Guerra, 2013).

A formação profissional de assistentes sociais ancoradas nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 traz um conjunto de conhecimentos teórico-práticos que requisita necessariamente o contato com a realidade, o exercício da dimensão investigativa, o caminho reflexivo e persistente da pesquisa. Isso exige articulações curriculares, com possibilidades de o estudante exercitar sua capacidade intelectual. É importante destacar que compreender essa realidade não se faz de forma aleatória e intuitiva. Desentranhar as conectividades que permitem desvelar a condição de vida dos sujeitos com os quais o assistente social se depara no seu cotidiano, impõe uma exigência teórico-metodológica à formação profissional no sentido de se apreender, por meio dos fundamentos, a realidade social e as relações estabelecidas entre as classes sociais e como isso se traduz em demandas profissionais.

Ora, o assistente social, em seu campo ocupacional lida diariamente com inúmeros desafios: violência e estímulo a naturalização de práticas violentas, pobreza e empobrecimento da população, corte dos gastos públicos, articulação predatória entre setor público e privado, insegurança no trabalho, entre outros. Tais desafios demandam a dimensão investigativa como condição de mobilizar o exercício profissional na formulação e execução das políticas, elaboração de ações, análise das condições de vida dos usuários, articulação da rede de serviços, informações sobre o território etc.

Nesse sentido, é evidente que a compreensão do objeto do Serviço Social requer um caminho investigativo da realidade de modo a apreender, no movimento mais geral da sociedade capitalista, os processos e as dinâmicas particulares que trazem, para a profissão, uma série de situações que devem ser problematizadas. Isso porque o espaço do cotidiano que fundamenta e materializa o trabalho do assistente social não se dá a conhecer de forma imediata, não se configura apenas nos dados empíricos que se apresentam espontaneamente. Assim, a investigação se afirma como estratégia que mobiliza conhecimento e intervenção, estando vinculada à realidade

de trabalho do profissional, aos objetos de intervenção que fazem parte das demandas profissionais. É consenso na literatura da área que o caráter interventivo da profissão pressupõe a investigação, isso porque são dinâmicas que apresentam identidades distintas, mas inseparáveis, ou seja, “[...] não se pode pensar a intervenção sem o conhecimento dos objetos e processos sobre os quais se intervém” (Fausto Neto, 1992, p. 105).

Considerando o leque de possibilidades apresentados pela IA generativa, especialmente a facilidade em produzir resumos, fichamentos, revisões bibliográficas, mapa mentais, entre outras execuções que otimizam o processo de pesquisa, aqui cabe uma questão: em que medida o uso da IA pode influir no processo de formação acadêmica dos assistentes sociais? Como interagir com a IA no sentido de não renunciar ao rigor teórico-metodológico que a pesquisa e a produção de conhecimentos exigem?

Sabemos que a formação de um perfil analítico e investigativo do assistente social exige aproximações sucessivas aos fenômenos da realidade, o percurso desta formação não abre mão do trabalho artesanal da sistematização, revisão bibliográfica, aproximações sucessivas que demanda idas e vindas nas produções teóricas, nas reflexões que possibilitam captar as particularidades existentes na realidade. Isso quer dizer que o perfil analítico e investigativo exige o pensamento crítico e reflexivo, o qual pode ser colocado em xeque com o uso da IA, pois ela não é neutra. Gabriel (2024) aponta que tanto os algoritmos, quanto os desenvolvedores humanos possuem vieses. Em relação aos algoritmos, a autora afirma que os dados processados podem levar a resultados diferentes a depender do algoritmo. Quanto aos desenvolvedores, destaca ainda que eles possuem vieses que incidem sobre a sua programação. Deste modo, a IA é treinada para produzir dados, modelos, escritos, imagens etc. que possuem vieses pessoais dos desenvolvedores humanos, reproduzindo valores, crenças, preferências, ou seja, reproduzindo a visão de mundo dos seus programadores e desenvolvedores. Sabe-se que a visão de mundo predominante na sociedade é compatível com a racionalidade burguesa, avessa ao pensamento crítico e aos projetos societários emancipatórios. Ademais, outros riscos associados ao uso da IA no

processo formativo estão relacionados às implicações éticas em seu uso na produção do conhecimento e na elaboração de trabalhos acadêmicos, tais como: falta de integridade no trabalho, falsificação de resultados de pesquisa, fabricação de dados, desrespeito aos direitos autorais, reprodução de vieses discriminatórios, produção de desinformação e plágio (Minayo; Gualhano, 2024, Schmidt, 2024). Isso revela que o caminho é complexo e que a problematização do uso da IA no processo formativo se torna urgente.

### **Considerações finais**

Este artigo ao abordar sobre a influência da inteligência artificial na formação profissional evidenciou que, embora o seu uso na educação possa abrir um leque de possibilidades, os desafios se colocam como significativos. Isso porque o uso da tecnologia na sociedade capitalista está voltado para atender aos interesses da acumulação capitalista e reproduzir, em maior grau, a visão de mundo compatível com a racionalidade burguesa. Ou seja, a questão se relaciona à finalidade e a detenção do poder em comandar a IA. Neste âmbito, identificou-se uma incompatibilidade com o projeto de formação do Serviço Social ancorado nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS que tem como direcionamento a teoria social crítica marxista e a proposta de uma formação crítica e emancipadora. Ademais, que uso da inteligência artificial pode influir negativamente no perfil investigativo e analítico, que exige reflexão, criticidade e criatividade no processo formativo e para a leitura da realidade.

Por fim, cumpre salientar que não se trata de demarcar uma posição tecnofóbica, contrária ao uso da IA, muito pelo contrário, a questão aqui defendida é a necessidade de problematizar o seu uso, apontar a relevância de uma consciência crítica no acesso a essa ferramenta, sem a substituição da ação humana.

### **Referências**

Alves, Lynn. (2023). "Construindo Novos Olhares para a Presença da Inteligência Artificial nos Cenários Educativos", em Lynn Al-

- ves (org.), *Inteligência Artificial e Educação – Refletindo sobre os Desafios Contemporâneos*, Salvador, UEFS Editora.
- Chauí, Marilena. (2003). A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.24, p.5-15, Set / Out / Nov / Dez.
- Espírito Santo, Eniel do, Rosa, Flávia Goulart Mota Garcia, Silva, Camila Bezerra da e Bordas Miguel Angel Garcia. (2023). “Um Mosaico de Ideias sobre a Inteligência Artificial Generativa no Contexto da Educação”, em Lynn Alves (org.), *Inteligência Artificial e Educação – Refletindo sobre os Desafios Contemporâneos*, Salvador, UEFS Editora.
- Fava, Rui. (2018)). *Trabalho, Educação e Inteligência Artificial. A era do Indivíduo Versátil*, Porto Alegre, Penso.
- Gabriel, Martha. (2024). *Inteligência Artificial. Do Zero a Superpoderes*, Barueri, Editora Atlas.
- Guerra, Yolanda. (2013). Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional: significado, limites e possibilidades. In: Conselho Regional de Serviço Social (Org). *Projeto ético-político e exercício profissional em serviço social: os princípios do código de ética articulados à atuação crítica de assistentes sociais*. Rio de Janeiro, CRESS, p. 123-135.
- Iamamoto, Marilda Vilela (2008). *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo, Cortez.
- Kaufman, Dora. (2022). *Desmistificando a Inteligência Artificial*, Belo Horizonte, Autêntica.
- Minayo, Maria Cecília de Souza; Gualhano, Luiza (2024). *CHAT-GPT: vantagens e riscos do uso da inteligência artificial para elaborar textos acadêmicos*. Scielo em Perspectiva, jan. Disponível em: <<https://pressreleases.scielo.org/blog/2024/01/22/chatgpt-vantagens-e-riscos-do-uso-de-inteligencia-artificial-para-a-elaborar-textos-academicos/>>.
- Fausto Neto, A. M. Q. (1992). “Taller” de investigação e projetos sociais. In: ABESS. *Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social. A produção do conhecimento e o serviço social*. Cadernos ABESS nº 5, p. 96-107. São Paulo, Cortez.

- Pscheidt, Allan Carlos. (2024). Inteligência Artificial na Sala de Aula. Como a Tecnologia Está Revolucionando a Educação, São Paulo, Matrix.
- Revista Teórica da Corrente Proletária na Educação. (2011). São Paulo, n. 6. Ago.
- Russel, Stuart. (2021). Inteligência Artificial a Nosso Favor. Como Manter o Controle sobre a Tecnologia, São Paulo, Companhia das Letras.
- Schmidt, Sarah. (2024). Universidades brasileiras discutem regras de uso da inteligência artificial. Revista Pesquisa FAPESP. Edição 342, ago. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/universidades-brasileiras-discutem-regras-de-uso-de-inteligencia-artificial/>>.
- Wolf, Giuliana Ananias. (2023). Teste de Turing: o que é, sua história e desdobramentos. Disponível em <https://www.caiena.net/blog/teste-turing-o-que-e-historia-desdobramentos>.